

# Falta um colchão nas contas externas

BRASIL E OUTROS LATINOS TÊM POUCA PROTEÇÃO CONTRA ALTA DO PETRÓLEO E DOS JUROS

ROLF KUNTZ

O Fundo Monetário Internacional continua a avaliar positivamente a economia brasileira, mas com uma ressalva importante: o País permanece vulnerável a choques externos. A posição do balanço de pagamentos melhorou de forma apreciável, desde o ano passado, e isso é reconhecido no relatório divulgado ontem cedo em Praga, o Panorama Econômico Mundial. No ano passado, o déficit nas transações correntes correspondeu a 4,6% do Produto Interno Bruto (PIB). Neste ano deve ficar em 3,9%, segundo a estimativa do Fundo. Poderá cair para 3,5% em 2001. Mas ainda estará fora, quase certamente, de qualquer zona considerável segura. O risco externo, neste momento, é uma figura pouco abstrata.

O relatório do FMI menciona dois fatores evidentes de preocupação. Um deles é a incerteza quanto à evolução da economia dos Estados Unidos. Se as pressões inflacionárias se agravarem e não houver o esperado pouso suave, o Sistema da Reserva Federal, Fed, o banco central dos Estados Unidos, poderá determinar um novo aumento dos juros. Um aperto maior das condições financeiras internacionais certamente afetará a economia brasileira, assim como a Argentina e outras latino-ame-

ricanas.

O segundo grande fator de risco, neste momento, é o preço do petróleo. Se as cotações continuarem muito elevadas, apesar das promessas da Opep de aumentar a oferta, haverá pressões inflacionárias em quase todo o mundo e o crescimento será comprometido.

Problemas persistentes no mercado de petróleo poderão, naturalmente, precipitar o aumento de juros nos Estados Unidos. "Ainda não está claro", segundo o documento, "quanto aperto monetário será preciso para controlar as pressões inflacionárias nos Estados Unidos e em alguns outros países, especialmente se for mantida a recente alta dos preços do petróleo". A combinação desses fatores prejudicaria de várias formas economias como a do Brasil. É fácil apontar algumas das consequências possíveis:

1) Essas mudanças elevariam o custo dos financiamentos externos, impedindo a redução dos juros no mercado interno e talvez forçando novas altas. Isso atrasaria a recuperação econômica e imporaria ao Tesouro maiores gastos financeiros.

2) A recessão em vários mercados tornaria mais difícil a exportação. Isso tam-

bém prejudicaria as contas externas, já afetadas, nesse caso, pelo aumento da conta de juros e pelo menos ingresso de financiamentos.

3) Os preços das commodities tenderiam a cair. Isso também prejudicaria o balanço de pagamentos do País.

O relatório do FMI não entra nesses detalhes, mas é fácil imaginar consequências como essas. Mesmo que os ajustes nas principais economias fossem moderados, haveria perdas para os países mais dependentes de financiamentos externos. Para um país como o Brasil, um ponto de porcentagem a menos no crescimento custa muito, econômica e socialmente.

Os técnicos do Fundo já haviam chamado

a atenção, num informe divulgado há poucos dias, para a fragilidade externa de muitas economias latino-americanas. No Panorama anterior, divulgado seis meses antes, o pessoal do Fundo havia apontado a necessidade enorme de financiamento de algumas economias da região, destacando Brasil e Argentina como exemplos. Somando-se o déficit em conta corrente e o pagamento do principal da dívida, a cobertura necessária passaria de 90% do valor das

exportações. Não se pode dizer que a situação tenha mudado muito, apesar do aumento das vendas externas e da melhora do saldo em transações correntes. Esta conta é formada pela soma de três saldos: de exportações e importações de mercadorias, de pagamentos e recebimentos de serviços (como viagens, fretes, seguros, juros e dividendos) e entrada e saída de transferências unilaterais (como remessas de trabalhadores no exterior).

O Panorama contrasta o ajuste das economias da Ásia, puxado principalmente pelas exportações, e o dos países latino-americanos. A maior parte das economias da Ásia acumulou, depois da crise, consideráveis superávits em conta corrente. Esse excedente está diminuindo, por causa do crescimento da demanda interna e do aumento do preço do petróleo, mas tem bastado para absorver as maiores despesas com importações. Servirá de colchão, além disso, se houver novo aumento de juros internacionais. O problema asiático, segundo o relatório, é completar certos ajustes estruturais, fortalecendo, por exemplo, o setor bancário, ainda frágil. Este problema é bem menos grave nas economias latino-americanas, mas, em contrapartida, estas carecem de um colchão externo.

■ Rolf Kuntz é jornalista

## Relatório contrasta as políticas de ajuste na Ásia e na América Latina